



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

HOMEM EDUCADOR DE CRIANÇAS: APONTAMENTOS SOBRE DIFICULDADES E POSSIBILIDADES

Flávia de Castro Santos – UEPG

Renata de Almeida Vieira – UEPG

Resumo: Neste trabalho, abordamos a questão do homem como educador de crianças. Nosso objetivo é realizar alguns apontamentos acerca das dificuldades e possibilidades de atuação do homem no magistério da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Realizamos, para isso, um estudo bibliográfico para uma primeira aproximação do tema. Dentre as constatações alcançadas no percurso do estudo, o qual se encontra em andamento, destacamos que tanto os cursos de Formação de Docentes têm sido frequentados majoritariamente por mulheres, como também elas têm se ocupado da docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil. Tal quadro é influenciado por muitos fatores, dentre os quais destacamos o processo histórico de feminização do magistério e o preconceito em relação à atuação masculina nesses níveis de escolarização.

Palavras-chave: Homem no magistério; Feminização do magistério; Gênero.

Introdução

Caminhar rumo a uma sociedade mais igualitária em que as diferenças de gênero não mais reforcem as desigualdades sociais, certamente requer uma expressiva conjugação de esforços de todos os atores sociais. Dentre esses esforços destacamos o respeito às escolhas profissionais de homens e mulheres e o reconhecimento da potencialidade de ambos para o exercício profissional em quaisquer áreas de atuação.

Com base em tal entendimento, situamos o presente trabalho, o qual é fruto de estudo realizado na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado nas Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio e Seminários Avançados das Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio, do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Trata-se de uma das atividades formativas requisitadas na formação do pedagogo para atuar no curso de Formação de Docentes em nível Médio, modalidade Normal. Nosso objetivo neste texto é apresentar alguns apontamentos acerca da presença masculina no curso de Formação de Docentes, um campo que historicamente tem se revelado predominantemente feminino.



Destacamos, acerca do curso, que o Departamento de Educação Profissional do Estado do Paraná assumiu, desde 2003, a responsabilidade do setor público na oferta do curso de Formação de Docentes em nível Médio. Tal modalidade de ensino tem como finalidade formar professores para atuar na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental (PARANÁ, 2006).

Por ocasião da realização do nosso Estágio Curricular Supervisionado nas Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio, inserimo-nos para observação, participação e docência nas diferentes séries do referido Curso, oferecido por uma escola pública do Estado do Paraná. Por meio de nossas inserções, pudemos perceber, dentre outros aspectos, a presença de alguns rapazes como alunos do mencionado curso. Chamou-nos a atenção a participação ativa dos mesmos, a ponto de se diferenciarem em relação às colegas de classe. Diante do fato de que ainda é escassa, e mesmo incomum, a opção de rapazes pelo curso, interessou-nos um primeiro olhar sobre a inserção masculina no magistério e a atuação do homem como educador de crianças.

Por meio de estudo bibliográfico, buscamos identificar e refletir, em primeira aproximação, sobre possíveis variáveis que dificultam a presença masculina nessa área de formação e atuação.

Apontamentos sobre dificuldades e possibilidades do homem como educador de crianças

Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep, apresentados por Ferreira e Carvalho (2006) revelam que do total de docentes que atuam na Educação Infantil cerca de 98,5% são mulheres. Para o Ensino Fundamental esse percentual é de 83,5%. Tanto em um nível quanto no outro, ambos percentuais são bastante expressivos e indicam a prevalência das mulheres na função de educadoras de crianças pequenas. Questionamos se tal prevalência é natural, bem como se há brechas para atuação do homem como educador de crianças.



Ainda segundo Ferreira e Carvalho (2006), os estudos sobre as relações de gênero, até os anos de 1990, foram em sua maioria focalizados sobre a questão da feminilidade. Tais estudos constituem-se uma conquista para o movimento feminista. Conforme destacam as autoras,

[...] discutir as relações de gênero é confrontar as relações de poder que existem entre homens e mulheres e reconhecer os privilégios do sexo masculino e da masculinidade como sistema cultural (FERREIRA; CARVALHO, 2006, p. 146).

No Brasil, os estudos sobre a mulher iniciaram na década de 1980, no período conhecido e implantado pela a ONU como a “Década da Mulher”, cuja abrangência foi 1975-1985. Desde então esta temática vem sendo bastante discutida, resultado de um projeto político que procurava, via de regra, legitimar um novo paradigma feminino. As autoras esclarecem ainda que,

A questão de gênero envolve a cumplicidade dos dois sexos na luta pelas conquistas de direitos – emprego, moradia, cesta básica, valorização do trabalho – que interessam não só a um, mas ao outro também (FERREIRA; CARVALHO, 2006, p. 147).

Ao pensarmos na feminidade e na masculinidade, devemos considerar que ambas envolvem relações sociais construídas historicamente, portanto vulneráveis às mudanças e transformações, envolvendo aspectos políticos, econômicos e culturais. No tocante ao magistério, este vem sendo, há décadas, considerado como uma profissão eminentemente feminina. Isto se explicaria porque o trabalho com crianças não distanciaria a mulher do lar, logo, de seu papel de dona de casa e de mãe. Além disso, a mulher seria dotada de uma “vocação natural” para trabalhar com crianças, devido à questão da maternidade (RIBEIRO, 2010).



Sob essa lógica, o homem não seria dotado de tal vocação e, por isso mesmo, não teria condições de ser educador dos pequenos. Além disso, o homem ainda seria o oposto da delicadeza e da paciência, não lhe cabendo trabalhar com crianças.

Esta visão ainda é bastante recorrente, sendo o homem visto como aquele que reprime sentimentos e age orientado por comportamentos e valores dito masculinos.

Em relação à inserção do homem no espaço da escola pública, esta inserção tem se dado sobretudo por meio de concursos, deixando-se para o momento da admissão as implicações de gênero. Já na escola privada, essa inserção dificilmente ocorre, posto que “[...] os critérios de seleção são outros, e a docência, inclusive a primária, é vista como trabalho de mulher, de forma que as relações de gênero interferem a partir da admissão” (RIBEIRO, 2010, p. 3). Por certo que em tais relações está em jogo, de forma contundente, relações de poder seculares.

Como bem nos lembra Araújo e Cunha (2010), diferentes são as visões de homens e mulheres sobre o assunto. Ao analisar possíveis questões que levam ao afastamento do homem do magistério, as autoras revelam-nos que:

Quando um homem assume tais tarefas, é visto como incapaz que não conseguiu seguir os padrões masculinos impostos pela sociedade. Às vezes, em situações como estas, o homem passa a ser visto com desdém pelos demais colegas do mesmo gênero, uma vez que ele fugiu à regra e se aventura em áreas pertencentes ao gênero “oposto” (ARAÚJO; CUNHA, 2010, p. 7).

Acreditamos que, assim como a mulher, o homem tem o direito e a capacidade de ser educador de crianças. Para nós, o mais importante é buscar compreender e analisar a atuação docente a partir das ações de seus profissionais, sejam estes homens ou mulheres.

Ao fazer um levantamento relativo às razões pelas quais os rapazes têm buscado formação para atuação na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Araújo e Cunha (2010, p. 7) nos apresentam o seguinte resultado:



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Homens que escolheram a profissão de professor porque gostam da área ou porque procuravam mais vagas no mercado de trabalho; homens que gostam de brincar com as crianças e homens que se sentem bem cantando músicas infantis; homens que são a favor de homens na Educação Infantil e homens que tem ressalvas quanto a participação deles nesta área.

Tal levantamento revela que as razões pela escolha do curso de formação para docência podem ser distintas, no entanto, acreditamos que os desafios diante da efetiva inserção do homem na função de educador de crianças são os mesmos. Um desafio que podemos destacar aqui é o esforço conjunto para se superar a concepção ultrapassada de que existe apenas um modelo de homem e um modelo de mulher. Estamos entendendo que mulheres e homens são igualmente capazes de atuar como educadores se para isso forem preparados e sentirem-se motivados, ou seja, o escopo dos gêneros transcende discriminações.

Outra questão que destacamos, posto que pode estar interferindo e dificultando a atuação do homem como educador, são os casos de abuso sexual, diariamente denunciados e divulgados pelos meios de comunicação, casos que envolvem, na maioria das vezes, homens no papel de algozes. Trata-se de uma questão bastante preocupante que não podemos nos furtar em discutir, a fim de separar o joio do trigo, delimitando responsabilidades.

Diante dos fatos apresentados, concordamos com Connell, citado por Ferreira e Carvalho (2006), ao propor tratar de masculinidades, ao invés de masculinidade no singular. Isto quer dizer que são várias as posições que um homem pode assumir, dependendo de suas práticas, interesses, vinculações, e mesmo das respostas que dá àquilo que a sociedade espera dele. Por certo que ter essa consciência permite a todos “construir uma sociedade mais equânime, consciente das relações interdependência e comprometida com a justiça social e de gênero” (FERREIRA; CARVALHO, 2006, p. 150).

Em busca de meios para a superação desta situação, reconhecemos que, não obstante o viés desafio,

é válida a tentativa de investir na compreensão das relações sociais de sexo e gênero na formação continuada do professorado, equipes técnicas, gestores e setores que trabalham com as políticas públicas para a educação (FERREIRA; CARVALHO, 2006, p. 152).

Portanto, tais questões precisam ser discutidas, analisadas e postas em prática para que ocorram mudanças de concepções. Além disso, é preciso repensar a ideia de articulação entre maternidade e a capacidade de ser professor. Como não é todo homem que pode ser um educador, não são todas as mulheres que podem ser educadoras, mas é certo que ambos têm o direito de ingressar e serem respeitados nessa profissão.

Discutir e lutar pela igualdade, liberdade e dignidade é garantir que os direitos humanos sejam respeitados, sendo “[...] necessário invocar princípios que, velando pelo maior âmbito de liberdade possível e igual dignidade, criem um espaço livre de rótulos ou menosprezos” (RIOS, 2006, p. 82-83). Todos os seres humanos, independentemente de suas especificidades, têm o direito de ir e vir, de trabalhar e ser respeitado em seu ambiente de trabalho, de escolher sua profissão.

Considerações finais

A partir deste estudo, ainda em andamento, percebemos que o homem pode ser tão capaz, ou incapaz, como a mulher, no que tange ao trabalhar com crianças. Percebemos, também, a necessidade de se buscar uma educação que de fato eduque, independente do sexo, em que o importante seja saber se o profissional está ou não qualificado para atender às necessidades da educação. Ambos, homens e mulheres, possuem potencialidades para atuar na área educacional. Superar a visão distorcida e preconceituosa que se tem sobre as relações de gênero ainda se coloca como um desafio para todos neste início de século.

Estamos entendendo que os homens, do mesmo modo que a mulheres, podem sim escolher a profissão de docente da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. O mais importante é que sejam movidos pelo compromisso com a educação e pelo respeito pelas crianças. Essas ponderações são importantes para relativizar distorções pertinentes ao campo em tela.



II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL - II SIES

Gênero, Direitos e Diversidade Sexual: Trajetórias Escolares

28, 29 e 30 de abril de 2011

MARINGÁ - PR



ISSN 2177-1111
www.sies.uem.br

Por fim, queremos destacar que este estudo tem nos possibilitado uma nova visão sobre os colegas de trabalho que poderemos encontrar em nosso percurso profissional. Ao pensarmos na sala de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Educação Infantil é comum imaginarmos uma mulher desempenhando a função de docente. Esta é uma visão enraizada por esses longos anos em que a presença feminina predominou nesse papel. É oportuno lembrar que essa situação tem conotações político-econômicas e culturais muitíssimo vastas e complexas que não podem ser ignoradas. Eis aí, mais um desafio para se enfrentar na agenda do século XXI.

Referências

ARAUJO, L. C.; CUNHA, R. C. da. O outro lado da moeda da Feminização do Magistério. Parnaíba: 2010. Disponível em:

<<http://www.uespi.br/prop/XSIMPOSIO/TRABALHOS/INICIACAO/Ciencias%20Humanas%20e%20Letras/O%20OUTRO%20LADO%20DA%20MOEDA%20DA%20FEMINIZACA O%20DO%20MAGISTERIO.pdf>>. Acesso: 02/03/2010

FERREIRA, J. L.; CARVALHO, M. E. P. de. Gênero, Masculinidade e Magistério: Horizontes de Pesquisa. Ponta Grossa: **Olhar de Professor** (UEPG), vol. 9, n. 1, 2006.

PARANÁ. **Proposta Pedagógica Curricular do Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em nível Médio, na modalidade Normal**. Curitiba: SEED, 2006.

RIBEIRO, L. S. C.. **A presença da mulher na educação e sua auto-afirmação**: refletindo a questão de gênero no espaço escolar. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/33879/1/A-PRESENCA-DA-MULHER-NA-EDUCACAO-E-SUA-AUTO-AFIRMACAO-refletindo-a-questao-de-genero-no-espaco-escolar/pagina1.html>>. Acesso: 02/06/2010

RIOS, R. R. Para um direito democrático da sexualidade. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos**, Ano 12, N. 26, p. 71-100, jul./dez. 2006.